

# Dívidas crescem com o 'boom' das estatais

Um papel central no atual drama brasileiro é desempenhado por Delfim Netto. Ele assumiu o leme da economia do País pela primeira vez em 1967, após ter tido bom desempenho como secretário da Fazenda do Estado de São Paulo. Um ano após assumir o cargo, ele conseguiu reduzir drasticamente a dívida de US\$ 1 bilhão da Capital paulista. Ex-professor da Universidade de São Paulo, Delfim Netto — com os jovens discípulos que levou consigo para o governo — adotou uma abordagem analítica e racional do seu trabalho, o que lhe granjeou comparações com o ex-secretário da Defesa dos Estados Unidos, Robert McNamara, e seus "whiz kids" do Pentágono.

Sob Delfim Netto, o "milagre" brasileiro tornou-se uma realidade feliz: seis anos de crescimento real de 10% ao ano, em média. Mas aqueles também foram os anos da mais severa repressão no atual ciclo de governos militares brasileiros. E Delfim Netto tinha a liberdade de trabalhar sem que suas atividades fossem examinadas pela imprensa e o público e, também, sem a ameaça de agitações trabalhistas que existem hoje.

Com os meios de comunicação censurados e os opositores políticos exilados ou com seus direitos cassados, ninguém podia questionar abertamente os enormes empréstimos externos que alimentavam essa expansão a todo vapor. Muitas coisas aconteceram sem que fossem noticiadas: o poder aquisitivo das classes de menor renda diminuiu durante aquele período de enriquecimento; a corrupção governamental cresceu de forma incontrolada e a quantidade de recursos emprestados que foi canalizada para o desenvolvimento da infra-estrutura era muito inferior ao que Delfim Netto afirmava.

Em 1973, a dívida externa brasileira tinha alcançado o nível de US\$ 12,6 bilhões, três vezes mais do que quando Delfim Netto assumiu o cargo de ministro da Fazenda. Porém essa cifra — bastante elevada para os parâmetros da época — mal chegou a ser percebida porque, no mesmo ano, o Brasil conseguiu quebrar todos os seus recordes de crescimento anual, chegando à casa dos 14%.

Nesse meio tempo, a comunidade financeira também ignorava que, em 1973, os preços internacionais do petróleo quadruplicaram — e o Brasil estava importando 80% do petróleo que consumia. Sem abrir os olhos para as consequências disso, o Brasil permitiu que seu consumo de petróleo aumentasse mais de 40% entre 1973 e 1979. Os bancos internacionais, procurando um lugar onde investir os seus grandes depósitos em petrodólares, consideravam favoravelmente o país latino-americano, o qual dava a impressão de levar o desenvolvimento a sério, com um governo controlado pelos militares e que parecia ser estável.

## GIGANTISMO

Ernesto Geisel, o quarto general consecutivo a governar o Brasil, assumiu a Presidência em 1974 e deu início a uma série de gigantescos projetos industriais que os banqueiros mundiais estavam mais do que dispostos a financiar, entre os quais estavam o metrô do Rio de Janeiro; duas enormes usinas siderúrgicas; um acordo nuclear de oito usinas e de US\$ 30 bilhões, assinado com a Alemanha Ocidental; e a maior hidrelétrica na fronteira sul do País, que custou US\$ 18 bilhões.

"As posições originalmente conservadoras que os militares tinham a respeito de uma reduzida presença

estatal na indústria deram lugar a um desejo de centralizar o poder econômico e, no decorrer dos anos 70, enorme quantidade de empresas estatais — com nomes sonoros, geralmente terminados em "brás" — foi criada ou fortalecida. Em 1982, elas representaram 70% dos gastos de investimento do governo, empregavam cerca de 1,4 milhão de pessoas, responderam por quase metade da produção nacional de mercadorias e serviços — além de serem um dos principais problemas da Nação.

Os mais altos escalões das empresas estatais foram preenchidos por oficiais militares da reserva, aos quais eram oferecidas mordomias generosas e imaginativas. Os funcionários recebiam bonificações simplesmente por aparecerem regularmente no trabalho, além de compartilharem de lucros anuais até mesmo de empresas estatais que não se mostravam rentáveis.

Essas "franchises" ineficientes tornaram-se os principais emprestadores no Exterior e os maiores geradores dos déficits públicos — uma das preocupações básicas da missão de técnicos do FMI que esteve recentemente em Brasília e que tem feito campanha por grandes cortes nas despesas das empresas estatais.

Dois terços da dívida brasileira foram contraídos com taxas flutuantes de juros e "spreads" de até 2,25 pontos percentuais acima da taxa interbancária de Londres (Libor) foram pagos para garantir prazos de até oito anos nos empréstimos. O aumento das taxas de juros que teve início três anos atrás elevou a conta anual dos serviços da dívida brasileira acima de US\$ 10 bilhões em 1982. Cada alta de um ponto percentual nos juros custa ao Brasil um total de US\$ 450 milhões por ano.

Quando o general Figueiredo assumiu a Presidência, em março de 1979, estava claro que o País tinha exagerado nos seus investimentos. Mesmo assim, um último grande projeto — uma operação de extração mineral (Carajás) — recebeu luz verde, a um preço calculado em US\$ 61 bilhões.

Delfim Netto, que tinha deixado

o governo em 1974, reapareceu no governo de Figueiredo em princípios de 1979, no cargo de ministro da Agricultura. Mas, em setembro daquele mesmo ano, ele já tinha reconquistado a liderança da equipe econômica, como ministro do Planejamento.

Delfim revogou as medidas que

pretendiam refrear a expansão e disse que a indústria deveria reacender todos os seus fornos. Mas o seu pro-

grama provocou uma inflação in-

trolável e ele logo passou a aconse-

lhar certa desaceleração. O governo,

no entanto, não brecou seus investi-

mentos nas empresas estatais, os

quais cresceram 7,2% em 1981 e 6%

no ano passado.

Enquanto isso, o País ficou es-

trangulado entre as elevadas taxas

de juro e a fraca demanda dos merca-

dos externos. Mesmo assim, ele ain-

da conseguia garantir os empréstimo-

s necessários para fechar seu ba-

lanço de pagamentos todos os anos.

Depois, em 1982, ocorreram as crises

quase simultâneas no México e na

Argentina. Os bancos regionais, que

representavam a base dos empréstimo-

s sindicalizados do Brasil, resol-

veram fechar os seus livros para to-

dos os países latino-americanos. Em

setembro, o País viu-se numa crise

de fluxo de dinheiro vivo e, pouco

tempo depois, tinha gasto todas as

sus reservas.



Arquivo

Com Geisel, centralização e ênfase para obras faraônicas